

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrentamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (*IF* §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (*IF* §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral
Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (IF §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrentamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fabio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (*IF* §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (*IF* §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrentamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrentamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrentamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (*IF* §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (*IF* §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontraremos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triumfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fábio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) Dicionário Wittgenstein. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE TEXTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, entre outras conseqüências para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Em outras palavras, percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, é hoje tema recorrente de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de um dos mais importantes autores do século XX, que mobiliza de forma central a questão da linguagem e do sentido em sua literatura. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de Samuel Beckett.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da *linguagem comum*; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre o projeto estético do autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado (baseamo-nos sobretudo em originais e autotraduções em língua inglesa, embora tenhamos também consultado versões originais francesas dos textos).

Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento, realizou-se a leitura das novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e das peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e

análise de trechos que apresentavam interesse especial no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta para tal dificuldade no prefácio às *Investigações*, ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Sua intenção era de início “resumir isso tudo [seus pensamentos] num livro”, onde “os pensamentos devessem aí progredir de um objeto a outro numa seqüência natural e sem lacunas” (*IF*, p.25). Wittgenstein logo admite seu fracasso. Mas ao fazê-lo consegue reconhecer que tal fracasso é natural e inevitável face à natureza de sua investigação. A noção de “seqüência natural” (em inglês, “a natural order”) contradiz toda construção de seus pensamentos, como veremos logo adiante. Nas palavras de M. Perloff, “a ‘natural order’ in this context would mean some kind of linearity, a logical progression, rational synthesis, and so on.” (p. 66). Segundo a autora, “Wittgenstein himself understands that his mode of ‘investigation’ cannot have a beginning, middle, and end, that it cannot have organic unity, a causal, logical or sequential structure, an underlying theme or master plot” (p. 65). A saída então foi, para Wittgenstein, abordar “incessantemente por caminhos diferentes, sugerindo sempre novas imagens (...) os mesmos pontos, ou quase os mesmos” (*IF*, p. 25). Além de sugerir novas imagens, as diferentes abordagens aos mesmos pontos, ou a quase os mesmos, sugerem também que a idéia de um ponto de vista superior e privilegiado é utópica.

Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor e adversário virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que um uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. Ele nos diz: “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (*IF* §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (a lógica) (*IF* §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (*IF* §38). Wittgenstein nos convida a refletir sobre a verdadeira natureza da lógica, sobre a forte crença de que existe uma linguagem ideal (“Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal” [*IF* §81]), mais correta e apropriada do que a linguagem comum que usamos para nos comunicar. Mas “em que

medida a lógica é algo sublime?" (IF §89), ele pergunta. Será mesmo a linguagem que usamos no nosso dia-a-dia "muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer?" (IF §120) Será mesmo necessário "um lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta" (IF §81) e para nos conduzir a uma superfície escorregadia onde falta o atrito, onde as condições são, em certo sentido, ideais?" (IF §107). O paradoxo se instala quando percebemos que tudo aquilo que cria as condições, "em certo sentido, ideais" é o que faz com que seja impossível caminhar. "Retornemos ao solo áspero!" (IF §107), Wittgenstein nos implora. Não deveria ser "espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa [linguagem comum]" (IF §120).

Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, própria da lógica, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, "nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas", e, ao redor disso tudo, surgem o "simbolismo químico" e a "notação infinitesimal", por exemplo, como "novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes" (IF §18).

No entanto, Wittgenstein, paralelamente aos seus apelos por um retorno à linguagem comum, nos adverte sobre suas armadilhas. Para o filósofo, o trabalho da filosofia é lutar "contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem". Em seu texto *Cultura e Valor*, ele expressa um pouco o que pensa sobre o assunto: "language sets everyone the same traps... what I have to do then is erect signposts at all the junctions where there are wrong turnings so as to help people past the danger points" (18e). A tarefa do filósofo então não é chegar à essência daquilo que se apresenta como material de reflexão. Não há "nada de novo" ali. A verdadeira tarefa é desfazer essas armadilhas, livrar a linguagem da "bruma" que a envolve e "que torna impossível a visão clara" (IF §4), "compreender algo que já esteja diante de nossos olhos" (IF §89). A investigação então se dirige "às 'possibilidades' dos fenômenos". A reflexão recai sobre "o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos" (IF §90). Wittgenstein explica:

§90 – (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição.

E conclui:

§109 - (...) " E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas não são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido".

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um "paradigma proto-teórico" (Glock, p. 370), uma imagem

tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum. Apesar de guiar todo seu pensamento e seus argumentos na direção de desconstruir todo o pensamento representacionista da linguagem, Wittgenstein reconhece no próprio dia-a-dia dessa linguagem comum a manifestação recorrente de expectativas que refletem a força da crença tácita na imagem representacionista.

São, entre outras, essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos aqui selecionados da obra de Beckett.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem”, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que – no caso da linguagem, as regras da gramática – definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor virtual na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.” (§66). Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem conceitual pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a

definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como, por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrito” (*IF* §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A nossa leitura concentrou-se nas novelas *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, e nas peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas; a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Para Beckett, a impossibilidade de dizer, a impossibilidade de comunicar, é indissociável da obrigação de dizer. A linguagem aparece aqui como um instrumento que, na finalidade de levar ao descobrimento e ao conhecimento do mundo, está fadado ao fracasso. "El Hiato entre las palabras y la realidad", escreve L. Margarit, "se muestra como insalvable, sin embargo está la obligación, en palabras de Beckett, de continuar sabiendo que se enfrentará con el fracaso". Seus personagens não conseguem elaborar um discurso além de suas dificuldades e de seus limites, "por ello es que la obra de Beckett está continuamente atravesada por reflexiones acerca del lenguaje, los personajes piensan y enuncian su propia naturaleza, que es la de las palabras" (2003, p. 89). Ou, como Wittgenstein diria, "o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (...) denotam os limites do *meu* mundo" (*Tractatus*, #5.62).

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett. Indicamos abaixo as principais estratégias de desequilíbrio flagradas, ilustrando-as com exemplos (à exceção do material extraído de *Happy Days*, tais exemplos serão dados aqui em português, com base em traduções consagradas que, segundo nossa análise, reproduzem com êxito os procedimentos originais).

Percebe-se com frequência, para começar, o emprego não usual de sinais de coesão, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre na possível insinuação, por elipse, de um nexos causal ou explicativo (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá): a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de marcas temporais, modais e aspectuais. Em *Primeiro Amor*, por exemplo, a certa altura o narrador usa o pretérito perfeito (*seguiu*) para se referir ao futuro, em cômica observação pseudo-póstuma: “nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás” (p. 9). Em “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, o narrador declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, causa estranheza o uso de um modalizador como “digamos”, que deixa transparecer uma surpreendente incerteza do narrador.. Em *Esperando Godot*, por fim, Beckett explora uma cômica discrepância entre os comportamentos semântico-aspectuais dos verbos *fazer* e *acontecer*: “Vladimir: (...) O que você está fazendo? Estragon: Tirando minha bota. Nunca aconteceu com você?”. Tirar a própria bota, ou sapato, é algo que fazemos, não algo que *acontece* conosco.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre a certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a noção de *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Identificou-se também uma constante desestabilização das nossas expectativas usuais de separação entre o literal e o figurativo. Em *O Calmante*, identificamos tal processo na seguinte passagem, por exemplo: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliteralizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58) Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos

informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria efeito do movimento do sol, que indica em qual direção está o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Nas peças, talvez por sua natureza dialogal, a ocorrência de trechos que apresentam desestabilizações e abalos é talvez ainda mais saliente do que nas novelas. Expectativas truncadas entre o literal e o metafórico também ocorrem com bastante frequência nos diálogos. Na primeira fala de *Esperando Godot*, identifica-se logo tal procedimento: "Estragon: Nada a fazer. /Vladimir: Estou quase acreditando. Fugi disso a vida toda. Dizia: Vladimir, seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta" (pág. 17). O personagem de Estragon, ao declarar que não há nada a fazer, se refere a sua tentativa de tirar a bota do pé. Vladimir, por outro lado, ao concordar com seu amigo, interpreta tal declaração em acepção mais geral e abstrata: nada a fazer em oposição a tudo que pode ser feito. Outros exemplos nas seguintes passagens de *Fim de Partida*: "Nagg: Meu dente caiu. /Nell: Quando isso? /Nagg: Ontem ainda não tinha caído. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 57); e "Nagg: (...) Ontem você me coçou ali. /Nell: (Elegíaca) Ah ontem!" (pag. 64) –quando o personagem de Nagg menciona o *ontem*, refere-se (literalmente?) ao dia anterior ao de hoje. Mas Nell, melancólica, refere-se a tempos passados.

Perguntas retóricas que são respondidas quando não devem ser, ou que são respondidas incorretamente respondem por outro processo de desestabilização do uso da linguagem em Beckett. Em *Godot*, por exemplo: "Vladimir: E se nos arrependêssemos? /Estragon: Do quê? /Vladimir: Ahnn... Não precisamos entrar em detalhes" (pág. 22). Quem se arrepende, se arrepende de alguma coisa. Estragon está agindo de acordo com expectativas usuais no jogo de linguagem ao perguntar do que se arrependeriam. A expectativa aqui é frustrada quando Vladimir não vê a necessidade de entrar em detalhes. Também em *Godot*: "Pozzo: Antes, ele dançava a farândola, os sete véus, o cotilhão, a giga, o fandango e até a hornpipe. Saracoteava. Agora, não vai além disso. Sabem como ele a chama? /Estragon: A agonia do João-ninguém. /Vladimir: O câncer dos velinhos" (pag. 80). No jogo de linguagem das perguntas retóricas, a expectativa é ou de que a pergunta não seja respondida, ou, como neste caso, de que a resposta seja algum tipo de encorajamento para que o locutor siga adiante com seu discurso, expectativa essa que é frustrada pelas respostas de Estragon e Vladimir. Num exemplo gritante de *Fim de Partida*: "Hamm: Você já pensou numa coisa? / Clov: Nunca" (pag. 89).

Um dos procedimentos mais interessantes dentre os identificados são as relações subvertidas/estranhas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem (evocando Wittgenstein, "Chamarei também de 'jogos de linguagem' o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada" [IF §7]). Em *Godot* encontrarmos a seguinte passagem:

Pozzo: ...Gostaria muito de me sentar, mas não sei bem como proceder.
Estragon: Posso ajudar?
Pozzo: Quem sabe se pedisse.
Estragon: O quê?
Pozzo: Se pedisse que eu voltasse a me sentar.
Estragon: Ajudaria?
Pozzo: Acho que sim.
Estragon: Vamos lá. Tenha a bondade de se sentar, senhor, eu lhe rogo.
Pozzo: Não, não, não vale a pena. (Pause. Em voz baixa) Insista um pouco.
Estragon: Mas como, não fique assim em pé. vai acabar se resfriando.
Pozzo: Acha mesmo?
Estragon: Não tenho a menor dúvida.
Pozzo: Está coberto de razão. (Senta-se) Obrigado, meu caro. Eis-me reinstalado.
(pag.73)

Convidar alguém a se sentar é parte de um jogo de linguagem comum. Quando recebemos alguém em casa, ou num escritório, o que seja, é normal que convidemos o visitante a se sentar. Está previsto na etiqueta. No entanto, não é uma prática social que sempre tem que ocorrer para que alguém possa se sentar. O estranho nesta passagem se deixa sentir quando percebemos a inabilidade de Pozzo para se sentar sem que Estragon o convide.

Em outro momento de *Godot*:

Estragon: Estou tentando.

Vladimir: Eu também.

Pozzo: esperem! (Os três tiram o chapéu ao mesmo tempo, levam a mão à testa, se concentram, franzem o cenho. Longo silêncio).

Estragon: (triunfal) Isso!

Vladimir: Lembrou.

Pozzo: (Impaciente) E então?

Estragon: Por que ele não põe a bagagem no chão? (pag. 81)

Quando estamos tentando nos lembrar de algo, é comum que nos concentremos, que levemos nossa mão à testa e que franzamos o cenho, dentre outras coisas. Mas não é porque agimos desse jeito e nos movimentamos desse jeito que nos lembramos do que quer que seja que tenhamos esquecidos. Mas é exatamente no que Estragon, Pozzo e Vladimir parecem acreditar.

Em *Fim de Partida* identificamos uma passagem semelhante:

Hamm: (...) Pense em alguma coisa.

Clov: Quê?

Hamm: Uma idéia, tenha uma idéia. (Pausa. Com raiva) Uma idéia brilhante.

Clov: Ah bom. (Começa a andar de lá para cá, os olhos fixos no chão, as mãos juntas às costas. Pára) Como doem minhas pernas, é incrível. Logo não poderei mais pensar.

Hamm: Você não vai poder me deixar. (Clov volta a andar) O que você está fazendo?

Clov: Pensando em alguma coisa. (Anda) Ah! (Pára) (pag. 100)

Algo semelhante ocorre nesta passagem. É normal que nos movimentemos como Clov quando estamos tentando ter uma idéia. Mas não são esses movimentos que nos fazem de fato ter uma idéia.

Numa outra passagem de *Fim de Partida*. Identificamos um interessante processo no qual o desencontro ocorre entre o que se diz e a reação entre o que se diz. Vejamos:

Hamm: Fiz você sofrer muito. Não é?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Não fiz você sofrer muito?

Clov: Fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem! (pag.45)

Vamos imaginar este diálogo da seguinte forma:

Hamm: Não fiz você sofrer muito, certo?

Clov: Não é isso.

Hamm: (Ofendido) Eu fiz você sofrer muito?

Clov: Não fez.

Hamm: (aliviado) Ah! Ainda bem!

Em *Dias Felizes*, identificamos uma passagem que ilustra bem a relação entre as atividades do nosso dia-a-dia e a nossa forma de vida. Relação essa tão intrincada que dificulta

a identificação das diferentes partes que a constituem, se é que tal separação exista e seja possível.

Winnie: (...) Begin, Winnie. Begin your day, Winnie. [Pause, she turns to bag, rummages in it without moving it from its place, brings out toothbrush, rummages again, brings out flat tube of toothpaste, turns back front, unscrews cap of tube, lays cap on ground, squeezes with difficulty small blob of paste on brush, holds tube in one hand and brushes teeth with other. She turns modestly aside and back to her right to spit out behind the mound. (...)] (pag. 139)

Mesmo que a grande maioria comece seus dias com essas atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes, é um pouco difícil não se incomodar com a sensação de que, se Winnie não escovar os dentes, como se estivesse seguindo um roteiro das coisas que deve fazer, seu dia não começará.

O último procedimento apresentado aqui é o descompasso entre o que se diz e o que se faz. Em pequenos trechos de *Godot* podemos identificá-lo: "Pozzo: Lá se vão bem uns sessenta anos... (consulta o relógio) é, sessenta anos logo, logo" (pag. 66)., percebemos um estranho descompasso entre o que Pozzo diz (*That was nearly sixty years ago*) e o que faz (*He consults his watch*). Não que o relógio não marque o tempo e que sessenta anos não seja um período de tempo. Mas é de senso comum que o relógio marca horas, não anos.

"Vladimir: Então, entrego eu o chapéu (Não se mexe)" (pag. 83); "Estragon: Então, adeus. /Pozzo: Adeus. /Vladimir: Adeus. /Estragon: Adeus. (Silêncio. Ninguém se move)" (pag. 90). Nestes dois últimos trechos, percebemos uma paralisia quase que joyciana que marca o descompasso claro entre o que os personagens dizem e fazem.

Na luz da análise dos trechos supracitados, podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa "linguagem comum", ideal, capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irreduzibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho no comum.

Referências bibliográficas

ACKERLEY, Chris J & GONTARSKI, S. E. (2004) *The Grove Companion to Samuel Beckett*. New York: Grove Press.

ANDRADE, Fábio de Souza. (2001) *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BECKETT, Samuel (2006 [datas variadas]) *Samuel Beckett: The Grove centenary edition*. Paul Auster (org.) vols I (*Novels*), II (*Novels*), III (*Dramatic Works*), IV (*Poems / Short Fiction / Criticism*), New York: Grove Press.

_____ (2002 [1957]) *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify.

- _____ (2004 [1970]) *Primeiro amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify.
- _____ (2004 [1955]). *Novelas: O expulso. O calmante. O fim*. trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2005 [1952]) [*Esperando Godot*]. Trad. Fabio de Sousa Andrade. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2000) *First Love And Other Novellas*. London: Penguin Books.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- GLOCK, H-J. (1997) *Dicionário Wittgenstein*. Trad. Helena Martins. Rio: J. Zahar.
- LUGG, Andrew (2000) *Wittgenstein's Investigations* 1-133, Routledge, 2000.
- MAGARIT, Lucas (2003) *Samuel Beckett: las huellas en el vacío*. Madrid, Buenos Aires: Editorial La Avispa S. L. & Atuel.
- PERLOFF, Marjorie (1996) *Wittgenstein's Ladder: Poetic Language and the Strangeness of the Ordinary*. Chicago Press.
- WITTGENSTEIN, L. (1922) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp.
- _____. *Investigações Filosóficas*. ([1953] 1975) São Paulo: Abril Cultural.
- _____. *Cultura e valor* ([1977] 1996). Lisboa: Edições 70.